

II SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UNILAB

“Práticas Locais, Saberes Globais”

I ENCONTRO DE PRÁTICAS DOCENTES E DISCENTES

II ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

II ENCONTRO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

III ENCONTRO DE EXTENSÃO, ARTE E CULTURA

IV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

I ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

**DOS LUGARES, NOS EXTREMOS DA HISTÓRIA: A REPRESENTAÇÃO DOS
ESPAÇOS NA OBRA, *O OUTRO PÉ DA SEREIA*, DE MIA COUTO**

Eusébio Djú¹, Izabel Cristina dos Santos Teixeira²

¹Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: eusebiodjuannan@gmail.com; ²Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: izabel.cristina@unilab.edu.br.

RESUMO

O texto analisa transformações dos espaços físicos (geográficos), ao longo do tempo, presentes na obra “O outro pé da sereia” (COUTO, 2006). A narrativa se desenvolve em XIX capítulos, enfoca contextos históricos distintos, com suas peculiaridades temporais, sob os efeitos da colonização portuguesa, indo do século XVI ao século XXI. No século XVI, tem-se o início da colonização, com influência da ação dos jesuítas, tanto na Ásia (Goa, na Índia), de onde partem para a África (Reino de Monomotapa, posteriormente denominado de Moçambique). No século XXI, em Moçambique, dá-se um fato: o casal Mwadia Malunga e Zero Madzero encontra uma imagem de Nossa Senhora, no rio Mussenguezi, na cidade de nome “Antigamente” e, para sua preservação, transportaram-na para um outro lugar (a cidade de Vila Longe). Como suporte teórico para a interpretação do texto, serão utilizados os autores Milton Santos (2012), Yi Fu Tuan (2012) e Félix Guattari (1990).

PALAVRA-CHAVE: Espaços físicos, Contexto histórico, Transformações.

INTRODUÇÃO

A análise dos espaços físicos em “O outro pé da sereia” (COUTO, 2006) se dá, a partir de evidências, ao longo do tempo, que varia entre os séculos XVI e XXI, tendo em comum a figura de uma imagem religiosa a despertar a convicção cristã, porém, em cada tempo, de forma distinta. Ambos carregam as modificações dos lugares, com destaque para a forma como os personagens interagem com os mesmos. O século XVI traz a cidade de Goa, à época, Índia Portuguesa, o lugar em que se desenvolve, nas colônias, a estrutura eclesiástica, representada pelo provincial dos jesuítas, Dom Gonçalo da Silveira, uma autoridade religiosa a serviço dos interesses econômicos da Coroa Portuguesa. Cortando a cidade referida, tem-se o rio Mandovi, o qual permite a circulação de pessoas e de mercadorias, em trocas comerciais. Este rio, fazendo ligação com o rio Lodoso, estabelece o itinerário da comitiva religiosa portuguesa, alcançando o Índico, rumo à África, até chegar ao reino de Monomotapa, comandado pelo Imperador Nogomo Mupunzangatu, autoridade máxima local, que acaba se tornando cristão, aderindo aos moldes ocidentais. Toda essa região será dominada pela colonização, via uso de crenças religiosas, operando uma transformação que se refletirá, em um outro tempo, mais especificamente, no século XXI. Neste último tempo, o Reino, dominado, já é o país Moçambique, independente de Portugal. Nele, ocorre o casal Benjamin e Rosie Southman, com o primeiro vindo em busca de sua identidade africana pregressa. Nesse caso, pode-se afirmar que todo o processo da colonização teve influência significativa, sob vários aspectos, dentre eles, a religião e mesmo a diáspora africana, uma vez que Benjamin Southman vem de retorno, em busca de uma remota ligação com o passado.

Os lugares “Antigamente” e “Vila Longe”, de nomeação portuguesa, também refletem, pelas suas construções e mesmo suas ruínas, além de práticas pastoris, evidências dos processos temporais, sobretudo com o achamento da imagem religiosa de uma santa.

MATERIAL E MÉTODOS

A compreensão desses espaços conta com o pensamento de Santos (2012), Yu Fu Tuan (2012) e Félix Guattari (1990). De acordo com Santos (2012, p.103), os espaços podem ser definidos, a partir de um “conjunto de formas que, num dado momento, exprimem heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza, somado a isso, a vida humana ou não que as anima”. Assim sendo, os autores em apreço têm pontos em comum, que podem ser destacados, por exemplo: conceber o espaço como formas em que se inclui vida, como assim expressa Tuan (2012). Para ele, as afinidades e permanências dos implicados nos lugares dependem de muitos fatores, de acordo com o momento histórico e da própria subjetividade, com o que também concorda Guattari (1990) que, além de dar voz à

subjetividade em três registros ecológicos distintos, também enfoca “os perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural” (1990, p.7)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O texto mostra que, nos dois tempos (séculos XVI e XXI), em que no segundo, já se tem Moçambique, sem referência ao Reino de Monomotapa. Aí, os habitantes do presente ainda preservam certos costumes que a própria colonização não destruiu, como por exemplo, o encantamento pela floresta, como lugar de rituais de iniciação, tomado como o grande *locus*, fora do alcance da compreensão portuguesa, e é para lá que o diaspórico Benjamin vai, em busca de reconstituição identitária, ainda que, para isso, enfrente o desconhecimento de valores da própria esposa, Rosie, que abomina sua descendência africana, sobretudo na parte religiosa. Em sua referência à floresta, Tuan (2012 afirma existir uma relação muito forte entre ela e o ser humano. O autor cita o exemplo dos pigmeus africanos para quem a intimidade com esse lugar é total, (TUAN, 2012, p.118). Comparativamente, na obra de COUTO (2012), a floresta é o lugar das tradições africanas, lugar do sagrado, com o contato por chamamento dos antepassados espirituais. O personagem Benjamin seria, por assim dizer, a metáfora da convivência com todas as religiões, sem privilegiar nenhuma delas, em plena harmonia,

Levando em conta a descrição dos ambientes, nos dois tempos, compreende-se que o espaço, nos dizeres de Santos (2012, p.19), é, concomitantemente, de fixidez e de fluxos. No primeiro caso, os implicados, em sua permanência, permitem que suas ações modifiquem o próprio lugar; no segundo, os fluxos recriam condições ambientais e sociais que redefinem cada lugar. Com efeito, é a presença da Imagem religiosa da santa que propicia o entendimento entre esses dois tempos, com suas variantes de práticas sociais, ainda preservadas no “novo tempo”.

CONCLUSÕES

Nos distintos tempos, num mesmo lugar, cujo próprio nome se modifica, de Reino de Monomotapa a Moçambique, “os novos tempos” desencadeiam uma nova ordem, de tolerância, a contribuir para a reelaboração de um mesmo lugar, que destaca “Antigamente” e “Vila Longe”. Assim sendo, conforme Santos (2012, p.63), o espaço “é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas com o quadro único no qual a História se dá”. Com efeito, o viés religioso é ressaltado, porém, sem a predominância de nenhuma forma de

manifestação, em uma espécie de ciranda metafórica em que os “opostos” convivem, apontando para uma mútua influência e uma possível interdependência.

REFERÊNCIAS

COUTO, M. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas-SP: Papirus, 1990.

SANTOS, M. A. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**.4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

TUAM, Y.F. **Topofilia: um estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: EDULE